

**SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA**

The Academy of Ancient Music

Christopher Hogwood

regência

Lorna Anderson

soprano

Abril 14, 15 e 16

Les Arts Florissants

William Christie, regência

Abril 27, 28 e 29

Orquestra Filarmônica de São Petersburgo

Yuri Temirkanov, regência

Maio 6, 11 e 12

Boston Symphony Chamber Players

Junho 2, 3 e 4

Dezső Ranki, piano

Junho 29 e 30 – Julho 1

Orquestra Sinfônica de Montreal

Charles Dutoit, regência

Agosto 24, 25 e 26

Quarteto de Tóquio

e **Barry Douglas**, piano

Setembro 14, 15 e 16

Philharmonia Orchestra

Paavo Järvi, regência

Lynne Dawson, soprano

Setembro 24, 25 e 28

The Academy of Ancient Music

Christopher Hogwood, regência

Lorna Anderson, soprano

Novembro 3, 4 e 5

Orquestra da Toscana

Umberto Benedetti Michelangeli, regência

Gianluca Cascioli, piano

Novembro 24, 25 e 26

Orquestra Nacional da Espanha

Rafael Frühbeck de Burgos, regência

Pepe Romero, violão



**Na BOVESPA, a cultura
está sempre em alta.**

A Bolsa de Valores de São Paulo tem muito orgulho de investir em cultura.
BOVESPA, patrocinadora da Temporada Internacional da Sociedade de Cultura Artística.

BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paulo

Temporada 98

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

apresenta

**The Academy
of Ancient Music**

Christopher Hogwood

Regente

Andrew Manze

Spalla

Lorna Anderson

Soprano

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA

MINISTÉRIO
DA CULTURA

promoção


ELDORADO
FM
92.3


BankBoston

BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paulo

patrocínio



VOLKSWAGEN



Votorantim

The Academy of Ancient Music



A primeira *Academy of Ancient Music* foi criada no século XVIII, com a finalidade de interpretar a "velha" música, expressão que no entender de seu então Diretor – o compositor e

teórico Johann Christoph Pepusch (1667 – 1753), alemão radicado na Inglaterra – servia para definir toda e qualquer música composta mais de vinte anos antes. As apresentações dessa primeira *Academy of Ancient Music*, conhecidas como *The King's Concerts*, eram patrocinadas pela sociedade londrina e prosseguiram até o ano de 1848.



Fundada por Christopher Hogwood em 1973, *The Academy of Ancient Music* revive sua precursora e tem por ideal artístico oferecer ao público de hoje uma experiência da música tal como essa música deve ter soado ao tempo de sua criação. O conjunto reúne especialistas em cada uma das ramificações dos estilos barroco e clássico, tocando em instrumentos de época e de acordo com formações e disposições correspondentes ao espírito e ao estilo do período de cada obra que abordam. Ao longo de seus 25 anos de trabalho conjunto, Christopher Hogwood e *The Academy* conquistaram o reconhecimento internacional como pioneiros da interpretação musical "informada historicamente", expressão adotada por Hogwood para designar sua contribuição à música. Coerente com o princípio de abrir-se também à contribuição de outros maestros, nos anos recentes Christopher Hogwood vem contando com as colaborações de Paul Goodwin e Andrew Manze, respectivamente o Maestro Associado e o Diretor Associado e *Spalla* de *The Academy of Ancient Music*.

Festejado pela crítica e pelos amantes da música, o conjunto apresenta-se regularmente nas melhores salas de concerto de todo o mundo e desenvolve também intensas atividades nos

estúdios fonográficos e de televisão, trabalho que tem gerado expressivas discografia e videografia. No mundo do disco, *The Academy* é reconhecida sobretudo por seus registros, pioneiros, para o selo *Decca L'Oiseau-Lyre*, com os quais contribuiu decisivamente para a expansão do movimento da assim chamada "música antiga".

As realizações de Hogwood e de *The Academy* desfrutam do *status* de paradigmas em seu campo artístico: no "Ciclo Integral das Sinfonias de Wolfgang Amadeus Mozart", o Maestro e a Orquestra revelaram, pela primeira vez, as enormes diferenças nas maneiras pelas quais Mozart escrevera para orquestras de diversos tamanhos e formações nos vários centros musicais onde trabalhou; no "Ciclo Completo dos Concertos para Piano de Mozart", *The Academy of Ancient Music* e o pianista Robert Levin, profundo conhecedor do estilo mozarteano e habilíssimo improvisador, dão ao público a oportunidade de descobrir um novo mundo musical, permitindo que se ouça uma nova *cadenza* a cada vez que apresentam um desses concertos; e no "Ciclo Integral das Sinfonias de Haydn", *The Academy* sugeriu, com pioneirismo e de modo convincente, que em suas apresentações em Esterháza o compositor não utilizava o cravo como contínuo, provocando entre os musicólogos discussões que certamente teriam deixado Haydn deliciado.

Recentemente, e sob direção de Paul Goodwin e Andrew Manze, *The Academy of Ancient Music* vem gravando com exclusividade para o selo *harmonia mundi usa*. O primeiro fruto dessa colaboração foi o álbum "Concertos para Violino e Concerto para Dois Violinos de Bach", recebido com entusiasmo pelo público e pela crítica especializada. Nessa gravação, *The Academy*, fiel à sua tradição de recorrer às mais recentes pesquisas musicológicas, incluiu a reconstituição, realizada por Andrew Manze, do Concerto para Violino e Oboé de Bach, em versão para dois violinos. Já o primeiro registro de Paul Goodwin com *The Academy of Ancient Music* é um álbum que contém uma seleção de músicas natalinas assinadas por Schütz e seus contemporâneos.

Em sua última temporada internacional de concertos, Hogwood e *The Academy of Ancient Music* mostraram a obra *L'Allegro, il Penseroso ed il Moderato*, de Haendel, na Suíça e na França, e, de Bach, interpretaram a *Missa em si menor*, em Frankfurt, e realizaram diversas apresentações do *Oratório de Natal*, na Espanha, na Holanda e na Alemanha.



Christopher Hogwood

Regente



Desde que fundou *The Academy of Ancient Music*, em 1973, Christopher Hogwood obteve reconhecimento internacional como um pioneiro no domínio da interpretação musical "autêntica". Reservado quanto ao uso desse adjetivo, o Maestro é o primeiro a rejeitar qualquer sugestão de que suas interpretações procurem estabelecer um padrão categórico de como tocar "corretamente" a música dos períodos Clássico e Barroco. Na verdade, Hogwood prefere descrevê-las como "interpretações historicamente informadas", princípio que pode ser aplicado a todas as suas atividades como regente, que aliás não se restringem à música com formações de instrumentos antigos, nem se limitam às obras barrocas e clássicas.

Hogwood e *The Academy* vêm cumprindo uma programação de concertos que os tem levado às melhores salas de música do mundo e registraram, ao longo dos anos, um respeitável catálogo de gravações para o selo *L'Oiseau-Lyre - Decca/London*, dentre as quais se destaca, recentemente, o "Ciclo Completo dos Concertos para Piano de Mozart", com o pianista Robert Levin. Para a televisão, Hogwood, *The Academy* e a soprano Kiri Te Kanawa gravaram um festejado especial no qual mostraram, de forma dramatizada, algumas das mais belas árias de Haendel.

Além de suas atividades à frente de *The Academy*, Hogwood vem atuando ainda como Diretor Artístico da *Haendel & Haydn Society* de Boston, é Principal Regente Convidado da *Saint Paul Chamber Orchestra*, responde pela Direção Artística do Festival Mozart, da *National Symphony Orchestra* de Washington, e é Diretor Associado da Academia Beethoven da Antuérpia. Em seus concertos – com a *Saint Paul Chamber Orchestra* e com outras importantes orquestras que tocam em instrumentos modernos –, Christopher Hogwood alcança sempre a mais harmoniosa articulação entre o “velho” e o “novo”, trazendo à luz leituras originais e impecáveis de grandes obras clássicas e neoclássicas – inclusive composições de Martinú, Tippett e Stravinsky – e também de obras contemporâneas, encomendadas a importantes criadores da atualidade.

Christopher Hogwood é um artista ativo e prestigiado também na cena operística mundial. Dentre suas realizações recentes nesse campo destacam-se: a encenação do *Orfeo*, de Gluck, com a *Haendel & Haydn Society* e o *Mark Morris Dance Group*, que regeu em turnê norte-americana e que foi premiada pelo Festival de Edimburgo; a gravação, para o selo *Decca*, de *La Clemenza di Tito*, de Mozart, com Cecilia Bartoli e *The Academy of Ancient Music*, agraciada com o *Preis der Deutschen Schallplattenkritik* de 1995 e indicada para o *Grammy Award* de 1996; o registro de *The Indian Queen*, de Purcell, premiado com o *Ein Echo für Dresden* de Música Antiga de 1996; e apresentações como Maestro Convidado da Ópera da Austrália, onde regeu, recentemente, aclamada produção de *Ifigênia em Táuris*, de Gluck. Na última temporada mundial de música, Hogwood apresentou-se ainda como Regente Convidado da *Saint Paul Chamber Orchestra*, da Filarmônica de Tóquio e da *National Arts Centre Orchestra* de Ottawa em concertos realizados em suas respectivas sedes.

A despeito de sua carregada agenda de compromissos artísticos, Christopher Hogwood consegue encontrar tempo para desenvolver atividades como cravista e clavicordista, como ensaísta – é autor de uma importante biografia de Haendel – e como diretor de programas musicais radiofônicos de grande sucesso. Doutor *honoris causa* pela Universidade de Keele, membro do *Jesus College* e do *Pembroke College* de Cambridge e professor da *Royal Academy of Music* de Londres, Hogwood reside em Cambridge, onde leciona menos do que gostaria.

Christopher Hogwood possui uma importante coleção de instrumentos de teclado – da qual faz parte um cravo italiano do século XVI e um piano, do século XIX, que pertenceu a Weber – e é entusiasta colecionador de porcelanas, para ele uma notável e silenciosa fonte de informação histórica.

Lorna Anderson

Soprano



Escocesa natural de Glasgow, Lorna Anderson formou-se pela *Royal Scottish Academy of Music and Drama*, onde trabalhou sob orientação de Patricia MacMahon e conquistou diversos prêmios, inclusive o Prêmio de Melhor Aluna do Ano. Após formar-se, foi agraciada com os Primeiros Prêmios dos Concursos *Peter Pears* e *Royal Overseas League*, em 1984, e com o disputadíssimo *Purcell-Britten Prize for Concert Singers*, em 1986.

Solista de carreira consagrada na Grã-Bretanha e na Europa, Lorna Anderson vem-se apresentando em concertos, óperas e recitais ao lado de conjuntos e formações como *The Sixteen*, *The King's Consort*, o *English Concert*, o *London Baroque*, o *Saint James Baroque*, o *London Mozart Players*, o *London Classical Players*, as Orquestras da BBC, o *Collegium Musicum 90*, o *Bach Choir*, a *Apollo Chamber Orchestra*, o *Ensemble Clement Janequin*, a *Orchestra of the Age of Enlightenment*, a *Royal Liverpool Philharmonic Orchestra*, a *Scottish Chamber Orchestra*, a *London Sinfonietta*, regência de Sir Simon Rattle, e a *Bournemouth Sinfonietta*. Na Grã-Bretanha, a cantora tem-se apresentado, como artista convidada, em diversos festivais de música, dentre os quais o *Kings Lynn Festival*, o *South Bank Festival*, o *City of London Festival*, o *Brighton Festival*, o *London Haendel Festival*, o *Spitsfields Festival*, o *Luftansa Baroque Festival* e os Festivais de Aldemburgo e Edimburgo.

Dentre os compromissos artísticos recentes de Lorna Anderson destacam-se ainda recitais no *Wigmore Hall* de Londres, concertos parisienses com o *Ensemble InterContemporain*, regência de Pierre Boulez, apresentações como soprano solista em *Les Noces*, de Stravinsky, na Rádio de Turim e com o conjunto *La Chapelle Royale*, regência de Philippe Herreweghe, concertos na *Alte Oper* de Frankfurt, aparições em *Alcina*, de Haendel, no *Halle Haendel Festival*, e em *The Fairy Queen*, de Purcell, com o *English Concert*, em Lisboa, e recitais com os conjuntos *Residentie Orkest* e *Stuttgarter Kammerchor*. A soprano tem participado também de recitais líricos de obras como *La Clemenza di Tito* (no papel de *Servilla*), com a Orquestra Filarmônica de Flandres, o oratório *Theodora* (no papel-título), com a *Glyndebourne Touring Opera* (e, proximamente, com a *Guildford Choral Society*), e estreou na ópera da Holanda como *Clorinda*, em *Il Combattimento di Tancredi e Clorinda*, de Monteverdi.

A discografia de Lorna Anderson inclui os álbuns *The Fairy Queen*, com o *Sixteen Choir and Orchestra*, regência de Harry Christophers, *Britten Folksongs*, com Malcom Martineau, e participação na *Complete Schubert Edition*, de Graham Johnson.

The Academy of Ancient Music
The Academy of Ancient Music
Turnê Brasileira – Setembro de 1998

Christopher Hogwood

Regente

Andrew Manze

Spalla

Lorna Anderson

Soprano

Primeiros Violinos

Andrew Manze
Pierre Joubert
Rebecca Livermore
Joanna Parker
Fiona Duncan
Pauline Smith

Segundos Violinos

Peter Lissauer
Stephen Jones
Matthew Burman
Iona Davies
Therese Timoney

Violas

Trevor Jones
Martin Kelly
Nicola Akeroyd
Jane Rogers

Violoncelos

Jonathan Manson
Imogen Seth-Smith
Anna Holmes

Contrabaixos

Judith Evans
Timothy Lyons

Flauta

Lisa Beznosiuk

Oboés

Frank de Bruine
Lars Henriksson

Fagotes

Alistair Mitchell
Philip Turbett

Trompas

Robert Maskell
David Bentley

Diretor – Christopher Hogwood
Regente Associado – Paul Goodwin
Diretor Associado e Spalla – Andrew Manze

Coordenador Geral – Christopher Lawrence
Diretora Executiva – Heather Jarman
Administradora – Fiona Seers

The Academy of Ancient Music Ltd
10 Brookside – Cambridge – CB2 1JE –
Inglaterra
Tel (+44) 01223 301509
Fax (+44) 01223 327377
email administator@aam.co.uk
home page <http://www.aam.co.uk>



PROGRAMAS

Séries Branca, Azul e Verde

24, 25 e 28 de setembro, quinta, sexta e segunda-feira, 21h

WOLFGANG AMADEUS MOZART (1756 - 1791)

Sinfonia nº 33 em Si bemol maior (K.319)

Allegro assai

Andante moderato

Menuetto

Finale: Allegro assai

WOLFGANG AMADEUS MOZART

Motete Exultate, jubilate, em Fá maior (KV.165/158a)

intervalo

FRANZ SCHUBERT (1797 - 1828)

Salve Regina em Lá maior (D.676, op. post. 153)

FRANZ SCHUBERT

Sinfonia nº 5 em Si bemol maior (D.485)

Allegro

Andante con moto

Menuetto - Allegro molto

Allegro vivace

EXSULTATE, JUBILATE

Exsultate, jubilate
O vos animae beatae.
Summa Trinitas revelatur
et ubique adoratur,
date illi gloriam.

Tandem advenit hora, qua Deum colimus
in spiritu et veritate.
et nomen illius magnum in omni loco est.
Debitum iam illi sit sacrificium;
sed per Mariam
accedamus in fide ad fontem gratiae,
ad thronum misericordiae,
ut magis acceptabile sit hoc obsequium.

Tu virginum corona,
tu nobis pacem dona.
Tu consolare affectus,
unde suspirat cor.

Alleluja!

SALVE REGINA

Salve Regina, mater misericordiae,
vita dulcedo et spes nostra salve,
Ad te clamamus exules filii Evae;
ad te suspiramus, gementes et flentes;
in hac lacrymarum valle.

Eja ergo advocata nostra,
oculos tuos ad nos converte
et post hoc exilium ostende nobis Jesum
fructum ventris tui
et post hoc exilium ostende nobis Jesum.

ad nos converte oculos tuos,
o clemens, o pia, o dulcis virgo Maria
Salve Regina, mater misericordiae,
vita dulcedo et spes nostra salve.

Salve Regina, mater misericordiae,
vita dulcedo et spes nostra salve,
Ad te clamamus exules filii Evae;
ad te suspiramus, gementes et flentes;
in hac lacrymarum valle.

Eja ergo advocata nostra,
oculos tuos ad nos converte
et post hoc exilium ostende nobis Jesum
fructum ventris tui
et post hoc exilium ostende nobis Jesum.

o pia, o clemens, o dulcis virgo Maria,
o clemens, o pia, o dulcis virgo Maria!
Salve Regina, salve Regina, salve!



PRÓXIMAS ATRAÇÕES

Orquestra da Toscana
Umberto Benedetti Michelangeli, regência
Gianluca Cascioli, piano

3 de novembro, terça-feira

Schubert: Entreato de Rosamunde

Beethoven: Concerto para Piano
e Orquestra nº 5, "Imperador"

Schubert: Sinfonia nº 4, "Trágica"

4 de novembro, quarta-feira

Schubert: Entreato de Rosamunde

Mozart: Concerto para Piano
e Orquestra nº 23, K.488

Mozart: Sinfonia nº 35, "Haffner"

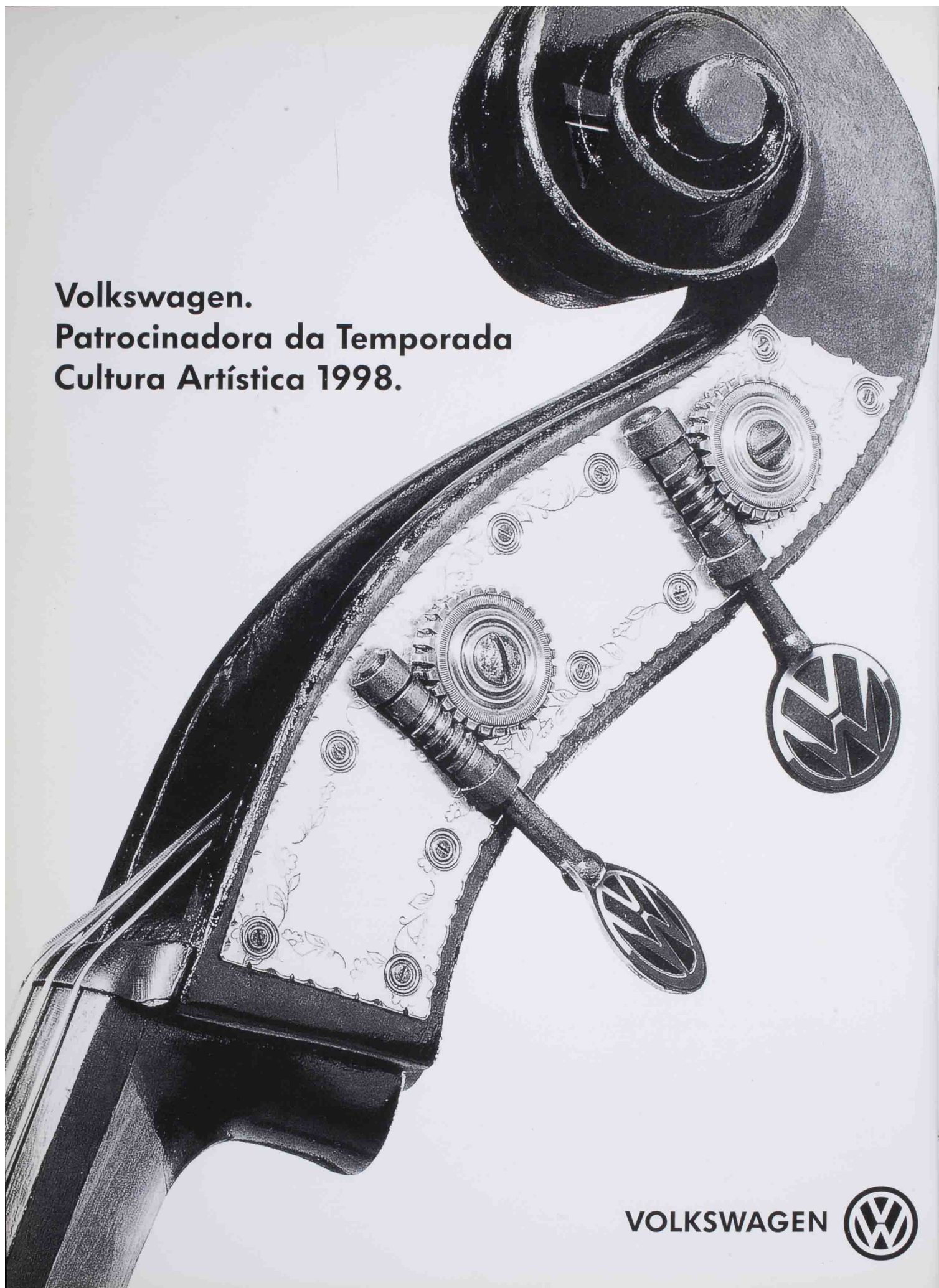
5 de novembro, quinta-feira

Schubert: Entreato de Rosamunde

Beethoven: Concerto para Piano
e Orquestra nº 5, "Imperador"

Schubert: Sinfonia nº 4, "Trágica"

**Volkswagen.
Patrocinadora da Temporada
Cultura Artística 1998.**



VOLKSWAGEN 

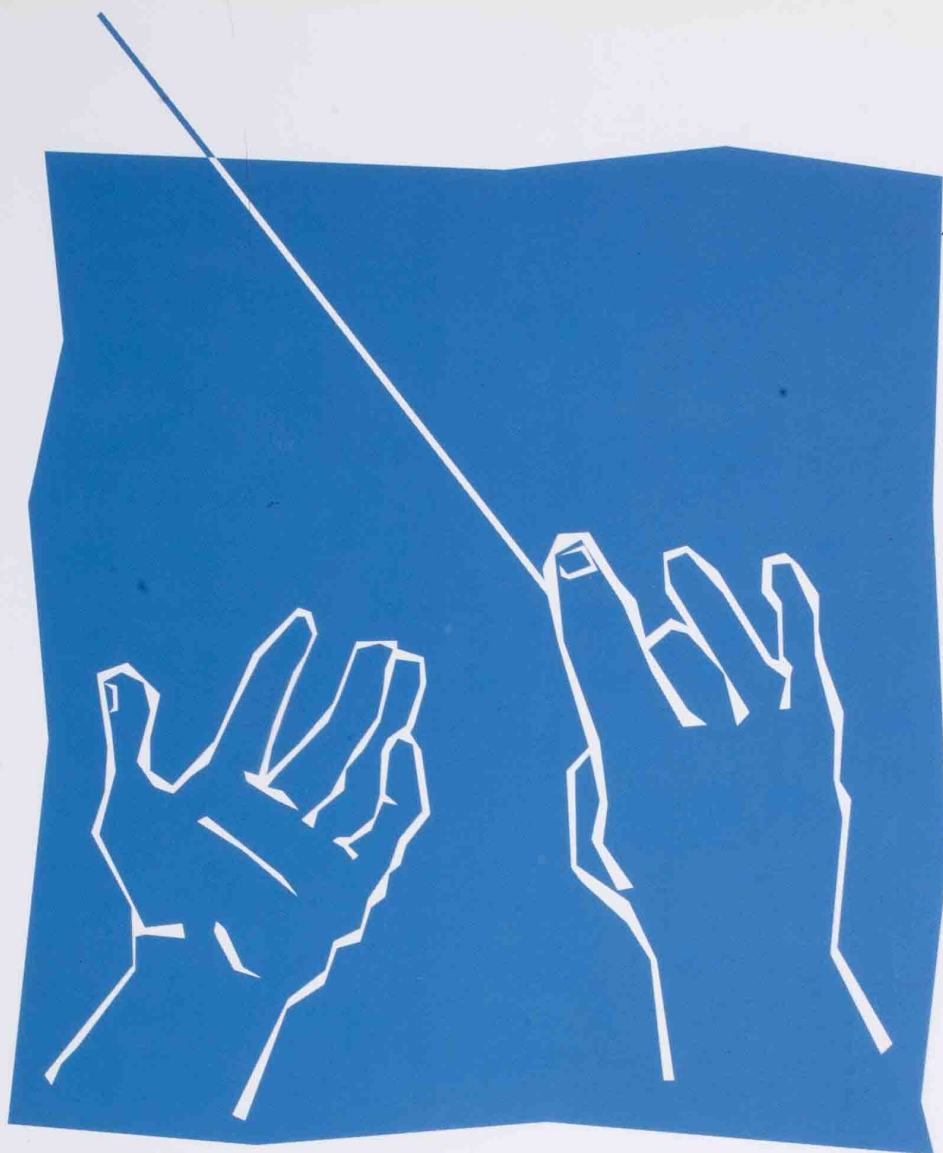


W. AMADEUS MOZART (1756 - 1791)

Sinfonia nº 33 em Si bemol maior (K.319)

Voltando de uma longa estadia em Paris, Mozart uma vez mais se entregou à aborrecida rotina dos seus afazeres em Salzburgo, na corte do odiado arcebispo Colloredo. Ali ele compôs a Sinfonia em Si bemol, terminando-a em 9 de julho de 1779, pouco antes de se lançar à *Serenata Posthorn*. Ele tinha, à época, 23 anos e só pensava em abandonar a cidade natal, imaginando encontrar em ambientes menos provincianos uma melhor acolhida para o seu trabalho. De início, a partitura comportava apenas três movimentos. Mais tarde, em 1784/5, quando se encontrava em Viena, acrescentou a ela um minueto. Sua orquestra requer, além das cordas, pares de oboés, trompas e fagotes.

Partitura deliciosa, a Sinfonia nº 33 é obra de grande alento e perfeitamente equilibrada. Nela reúnem-se harmoniosamente desenvoltura e profundidade, ao mesmo tempo em que o compositor aí lança mão de elementos heterogêneos – lembranças de marchas, pastorais e alusões a danças. Seu *Allegro assai* inicial é elegante e animado. O *Andante moderato*, por sua vez, exibe uma terna serenidade, em cálido Mi bemol. Ao rústico e breve *Menuetto* com seu *Trio* segue-se o *Finale: Allegro assai*, de uma espantosa fartura de temas e animado pelo endiabrado ritmo de tarantela.



BankBoston. Arte em grandes negócios.



Informações: 0800-55-1784
www.bankboston.com.br

Modernamente, a Sinfonia em Si bemol suscitou vários comentários. O musicólogo alemão A. A. Albert, por exemplo, disse: "É uma das sinfonias mais amáveis de Mozart, cujo primeiro movimento é uma idílica pequena cena do gênero, ora maliciosa, ora sonhadora, como que envolta em uma romântica luz crepuscular". Já o italiano Máximo Mila não deixou por menos: "Ela é bastante mais vienense do que descaradamente italiana. Mas vienense em um sentido que não apenas implica a estudiosa maturidade sinfônica do século XVIII instrumental, como também já antecipa algo dessa *Gemütlichkeit*, dessa familiaridade e intimidade expressiva pela qual Schubert é basicamente vienense".

Motete Exsultate, jubilate, em Fá maior (KV.165/158a)

Enquanto compositor de música sacra, Mozart sempre foi muito criticado por "ter introduzido a ópera na Igreja" e, também, por "esconder a carne laica sob o manto sagrado". Esse debate que contrapõe discurso teológico a linguagem musical perpetua-se ainda hoje e, ao que parece, não tem solução. Entretanto, para os não dogmáticos, o fundamental está em como o artista ilustrou, com seu gênio indiscutível, as palavras da liturgia católica.

O motete *Exsultate, jubilate*, em Fá maior, destinado a soprano e a uma orquestra integrada por pares de oboês e de trompas, além de cordas e órgão, foi composto em Milão, em janeiro de 1773. Mozart tinha, então, 17 anos. Nessa que era a sua terceira viagem à Itália, durante a composição da ópera *Lucio Silla* (K.135), aproveitou dos momentos de descanso e as pausas dos ensaios para colocá-lo no papel. A partitura foi expressamente pensada para o sopranista castrado Venanzio Rauzzini, que Mozart admirava incondicionalmente, dizendo ter ele "voz angelical". O cantor, diga-se de passagem, tinha o importante papel de *Cecilio* na citada ópera.

Vistoso e virtuosístico, o Motete consta de duas amplas árias, com um recitativo secco central, culminando com o celeberrimo

"Aleluia". A palavra "motete" aqui dever ser tomada na acepção dada a ela por Quantz em um tratado de 1752: a de uma cantata para solista seguindo o esquema tripartite da sinfonia italiana – vivo-lento-vivo –, materializado por Mozart da seguinte maneira – *Allegro-Andante-Allegro*. Seu belo e expressivo texto é mais comemorativo do que propriamente litúrgico, já que se destina às jubilações do dia da festa da titular da Igreja católica, a Virgem Maria (17 de janeiro), aqui vista como "Rainha da Paz".

Disse a respeito de *Exsultate, jubilate* Alfred Einstein: "esse motete pode ser considerado um concerto em miniatura, nada inferior, por sua doçura e sua eficácia, a um verdadeiro concerto instrumental". Mais tarde, o autor acrescentaria à orquestra partes de flauta.

FRANZ SCHUBERT (1797 - 1828)

Salve Regina em Lá maior (D.676, op. post. 153)

Diante da reação profundamente comovida de seus amigos por ocasião da audição de um hino que compusera à Virgem Maria, Schubert disse: "Penso que tal reação se deve ao fato de eu jamais ter forçado a devoção dentro de mim mesmo e de jamais haver composto hinos e preces desse gênero, a não ser quando o sentimento me domina sem que eu me dê conta disso: mas, então, usualmente é a devoção certa e verdadeira".

Foi certamente por ser dono de uma fé simultaneamente sincera e ingênua na transcendência que Schubert, apesar de ser contrário à ortodoxia da Igreja Católica, acabou por escrever mais de quarenta obras religiosas, inclusive cinco missas em latim para o uso litúrgico. Nessa faceta de sua produção, revelou ter um profundo amor pelas formas clássicas.

Schubert tinha apenas 15 anos, em junho de 1812, quando colocou no papel a sua primeira obra sacra, um *Salve Regina*, possivelmente escrito a pedido do seu bom professor Antonio Salieri. Sua última obra no gênero, um Ofertório para Tenor, Coro Misto e

OMINT.

UNINDO O MELHOR

DA CIÊNCIA E

DA CONSCIÊNCIA

MÉDICA.

PARA MAIORES INFORMAÇÕES, LIGUE PARA A OMINT:

0800 • 174433 DAS 8:00 ÀS 20:00 H.



GUIMARÃES

OMINT BRASIL SÃO PAULO • RIO DE JANEIRO • RIBEIRÃO PRETO • CAMPINAS
OMINT ARGENTINA BUENOS AIRES • CÓRDOBA • MENDOZA • TUCUMÁN • SALTA

OMINT

ASSISTENCIAL



Orquestra, data de outubro de 1828 – um mês antes de sua morte, portanto.

Por seis vezes Schubert colocou música na oração em latim *Salve Regina*, prece à medianeira Virgem Maria. O *Salve Regina* em Lá maior, D.676, é o quinto da série e data de novembro de 1819. Ele seria publicado apenas em 1848, por Diabelli, recebendo a numeração de *Opus Póstumo* 153. O compositor destinou a partitura à voz de soprano e a cordas. Tanto a escolha da tonalidade quanto a economia das forças instrumentais apontam para “um clima de intimismo caloroso e luminoso”, como já notou Brigitte Massin. Para essa musicóloga francesa, a partitura é “um calmo *Andante con moto*, ária *da capo* admiravelmente melodiosa e de vastas proporções, que parece desejar se situar em universo do qual o tempo é subtraído. Tempo abolido e liberdade aérea da voz, acompanhada docemente pelas cordas... clima de extraordinária simplicidade e inocência”.

Sinfonia nº 5 em Si bemol maior (D.485)

Não conseguindo em vida jamais se impor como músico orquestral, Schubert entretanto nunca abandonou a idéia de se realizar como sinfonista. Suas seis primeiras experiências nesse domínio, datadas do curto período que vai de 1813 a 1818, são bem o retrato de um adolescente genial que, partindo de certos modelos (sobretudo Haydn, Mozart, Beethoven e Rossini), ganhava experiência cada vez maior no setor. Rejeitadas durante muito tempo – salvo pelo sensível Antonín Dvorák, que percebeu sua efetiva peculiaridade –, elas hoje são vistas como o que de melhor se escreveu no domínio da sinfonia naquela época – à exceção do ciclo beethoveniano, é óbvio.

Vale ainda lembrar que, depois da Sexta Sinfonia, Schubert escreveria dez movimentos sinfônicos que abandonou incompletos. E, das cinco derradeiras partituras concebidas a partir de 1818, apenas uma – a Sinfonia em Dó maior, “A Grande” –, nos chegou inteira.

Dentre as outras, só a em Si menor, conhecida como “Inacabada”, ganharia posteriormente a celebridade popular.

A Sinfonia nº 5, em Si bemol maior, foi escrita entre setembro e outubro de 1816, ano no qual o compositor passava por profundas transformações. Ela deve muito ao modelo mozarteano. Há mesmo quem diga que ela não seria outra coisa que “uma réplica otimista e leve” da Sinfonia nº 40, em Sol menor, de Mozart, já que realizada na tonalidade do seu relativo maior. Seja como for, ela é dona de uma extraordinária beleza. E requerendo um efetivo orquestral reduzido, é obra intimista que se aproxima da música de câmara.

O *Allegro* inicial da Quinta Sinfonia é aberto por um irresistível jorro melódico, de contagiante e juvenil felicidade. Cheio de timbres cambiantes, esse movimento demonstra, com toda a sua transparência, a que grau Schubert dominava as formas clássicas. O vasto *Andante con moto*, que vem em seguida, mescla ternura e melancolia em uma contenção expressiva digna dos seus célebres modelos, tendo Mi bemol maior como tonalidade dominante. O momento mais mozarteano da partitura encontra-se no *Menuetto* em Sol menor, marcado *Allegro molto*, no qual a dança aristocrática ganha toques algo rudes e rústicos. O *Allegro vivace* final reintroduz, com maestria, a alegria do início.



Coordenação Editorial Rui Fontana Lopez
Projeto Gráfico Carlo Zuffellato e Paulo Humberto L. Almeida
Editoração Eletrônica BVDA / Brasil Verde
Textos sobre Compositores e Obras Sociedade de Cultura Artística
Traduções Eduardo Brandão
Foto Alex von Koettlitz (The Academy of Ancient Music)
Fotolitos e Impressão OESP Gráfica

Più adagio

10

Timp.

Pfte.

Vl. 1. *ppp*

Vl. 2. *ppp*

Vla. *ppp*

Vlc. *ppp*

Cb. *ppp*

Timp. *pp*

Pfte.

Vlc.

Cb. *pp*

Timp.

Pfte. *mf*

Vlc. *mf*

Cb. *mf*

CONCERTO
 CONCERTO
 CONCERTO
 CONCERTO
 CONCERTO
 CONCERTO

GUIA MENSAL DE MÚSICA ERUDITA 640 PAGOS R\$ 4,50 ABRIL 1997

ROTEIRO COMPLETO
 LANÇAMENTOS DE CDs
 ATRÁS DA PAUTA
 JULIO MEDAGLIA



NOSSOS MÚSICOS
 QUATERNAGLIA

ENTREVISTAS
 JOHN NESCHLING
 PHILIPPE HERREWEGHE

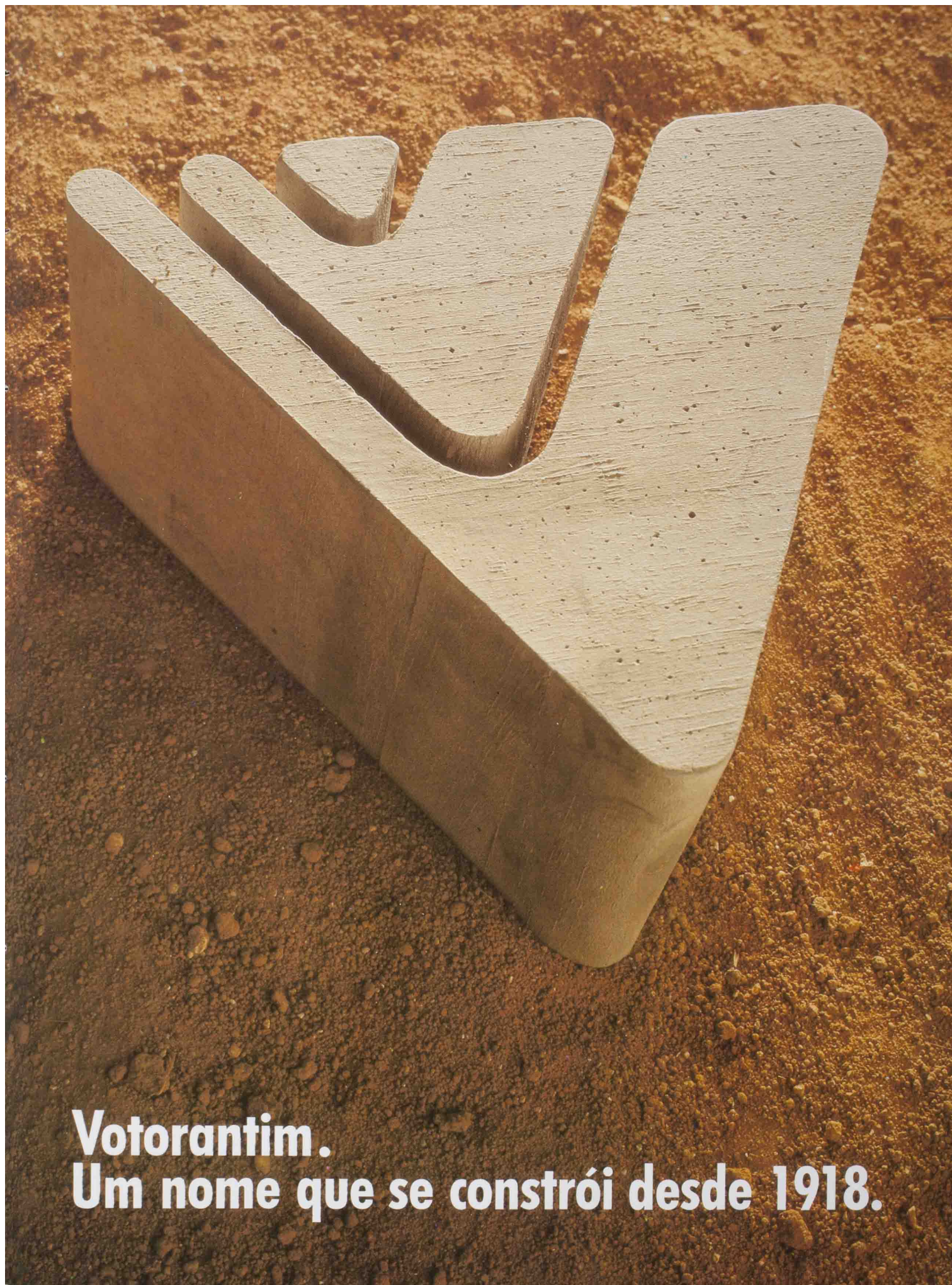
INCLUI
 GUIA DO
 OUVINTE **CULTURA** FM
 103,3

CONCERTO
 GUIA MENSAL DE MÚSICA ERUDITA

Assinaturas ligue (011) 535-5518

poco rallent.

tempo (♩ = 80)



**Votorantim.
Um nome que se constrói desde 1918.**



Temporada 08

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



MINISTÉRIO
DA CULTURA